

FORMAÇÃO DE TRADUTORES E TRADUTORAS: SOBRE O USO DA PESQUISA NARRATIVA COMO MÉTODO PARA COMPREENDER OS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

TRANSLATOR EDUCATION: USING NARRATIVE INQUIRY AS A METHOD FOR UNDERSTANDING THE PROCESSES OF THE TRANSLATION COMPETENCE DEVELOPMENT



Daniel Antonio de Sousa ALVES
Professor Adjunto
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Bacharelado em Tradução
João Pessoa, Paraíba, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5099347989756580>
<https://orcid.org/0000-0002-3702-0895>
daniel.alves.ufpb@gmail.com

Edilza Maria Medeiros DETMERING
Doutoranda em Antropologia
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
João Pessoa, Paraíba, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3829113059136151>
<https://orcid.org/0000-0002-1693-7661>
detmering@sti.ufpb.br

1

Resumo: Ao longo das últimas décadas, diferentes discussões vêm sendo realizadas, dentro dos Estudos da Tradução, sobre a noção de Competência Tradutória e seus componentes. Este artigo adota o modelo de competência tradutória do grupo Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació PACTE (2003) e toma como ponto de partida o relativamente baixo número de investigações específicas sobre o subcomponente psicofisiológico desse modelo. Associando essa lacuna ao fato de se tratar de um componente não facilmente observável ou mensurável por meio de exames ou métodos externos ao indivíduo, este artigo busca discutir como a Pesquisa Narrativa pode contribuir para o campo disciplinar, fornecendo métodos que permitam uma melhor compreensão desse subcomponente e dos processos de desenvolvimento da Competência Tradutória de tradutores e tradutoras em formação. O artigo se ancora em discussões sobre os métodos e possibilidades oferecidas pela Pesquisa Narrativa — como Clandinin et al. (2017), Connelly e Clandinin (2006) e Dutra e Mello (2008) —; em discussões sobre Competência Tradutória — como PACTE (2003) e Lara (2016) —; e discute a narrativa de uma tradutora em formação, com vistas a mostrar a viabilidade da proposta de pesquisa aqui apresentada. A discussão do caso é realizada a partir do registro bibliográfico da narrativa — em que são discutidas as percepções da discente sobre seus processos de desenvolvimento da Competência Tradutória, suas percepções sobre sua capacidade de segmentação textual e sua insegurança em empreender tarefas de tradução. Este artigo sugere que, no médio-longo prazo, um trabalho sistemático de coleta e análise de narrativas de tradutores e tradutoras em formação poderá elucidar questões relativas ao desenvolvimento da Competência Tradutória e, assim, suprir a lacuna aqui identificada.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Pesquisa Narrativa. Competência Tradutória. Análise documental

Abstract: For the past few decades, different discussions have been carried out, within Translation Studies, on the notion of Translation Competence and its components. This paper adopts the model of Translation Competence proposed by Grup Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació PACTE (2003) and discusses the relatively low number of studies that specifically discuss the psychophysiological component of the aforementioned model. Associating the lack of studies on the psychophysiological component to the difficulty



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

in observing or measuring it by means of exams or academic tasks external to the individual, this paper aims at presenting possible contributions by Narrative Inquiry to provide methods that allow a better comprehension of this subcomponent and of the development processes of the Translation Competence. This discussion draws on the methods and possibilities of investigation presented by Narrative Inquiry — such as Clandinin et al. (2017), Connelly and Clandinin (2006), and Dutra and Mello (2008) —; on discussions on the Translation Competence — such as PACTE (2003) and Lara (2016). The discussion of a narrative is also carried out, with the goal of presenting the feasibility of this line of inquiry. The case in point is a bibliographic register of a narrative by a translation student — in which the student presents her perceptions on the processes of development of her Translation Competence, on her ability of textual segmentation, and on her insecurities in carrying out translation tasks. This paper suggests that, on the medium-long term, a systematic endeavor of collection and analysis of narratives by translation students can shed light on the processes of the Translation Competence development and, thus, address the lack of studies on the psychophysiological component of the Translation Competence.

Keywords: Translation Studies. Narrative Inquiry. Translation Competence. Psychophysiological competence. Documental Analysis

A pesquisa narrativa, como aponta Paiva (2008, p. 264), “consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno”. Estabelecida como método de pesquisa em diversos ramos da ciência — dentre eles, semiótica, medicina, psicologia, psicanálise, sociologia, antropologia, estudos gays, estudos feministas e outros enumerados por Paiva (2008, p. 264) —, a pesquisa narrativa ainda é relativamente pouco explorada nos Estudos da Tradução¹ e pode trazer contribuições valiosas para a compreensão de fenômenos tradutórios, dentre os quais, o desenvolvimento da Competência Tradutória.

Este artigo pretende discutir a pesquisa narrativa como uma abordagem que pode permitir acesso à forma como tradutores e tradutoras em formação percebem os desenvolvimentos de suas Competências Tradutórias. Dentre os principais fatores motivadores para essa proposta, podem ser apontados: a) a promoção de uma postura inclusiva, que, já no curto prazo, visa a trazer, para as discussões sobre formação, também as opiniões e percepções de discentes, buscando a consolidação da cultura de diálogo aberto e inovação na área defendida por teóricos como Kiraly (2000), por exemplo; e b) a perspectiva de que, no médio-longo prazo, a coleta e a análise de narrativas de formação possibilitarão a identificação de padrões de aprendizagem e de atividades e métodos que estimulem, de forma cada vez mais eficiente, o desenvolvimento da Competência Tradutória de discentes.

Com vistas a mostrar a viabilidade dessa abordagem de pesquisa em auxiliar a compreensão do desenvolvimento da Competência Tradutória, este trabalho buscará discutir, a partir de uma narrativa autorreflexiva, as experiências de aprendizagem de uma tradutora em formação, com foco em estratégias de sucesso, em fatores motivadores e desmotivadores, em atividades que, subjetivamente, são avaliadas como mais eficazes do ponto de vista da

tradutora. Também a partir dessa discussão, este trabalho buscará se concentrar em informações que possam elucidar a compreensão sobre o subcomponente psicofisiológico da Competência Tradutória (seguindo, aqui, o modelo do grupo PACTE, 2003).

Ao vislumbrar fatores de impacto sobre o componente psicofisiológico da Competência Tradutória (como estímulo, curiosidade, motivação para aceitação de desafios etc.), busca-se fomentar um debate pouco explorado em investigações no campo disciplinar — como se pode apreender a partir das discussões de Gonçalves (2015), de Bevilacqua (2017), de Assis et al. (2018) e de Pimentel (2019). Uma narrativa — coletada a partir do registro bibliográfico de Detmering (2018) — será discutida, com foco nas perspectivas da autora sobre os processos de evolução de sua própria Competência Tradutória, sobre as atividades que contribuíram para esses desenvolvimentos e sobre as diferentes tarefas e modalidades de atividades que proporcionaram tais desenvolvimentos.

Para realizar essa proposta, este artigo se divide em cinco seções (incluindo esta seção de considerações iniciais), distribuídas da seguinte forma: a segunda seção apresenta uma revisão teórica sobre a pesquisa narrativa em si e sobre a Competência Tradutória (com maior foco nos componentes psicofisiológicos); a terceira seção traz a discussão sobre a narrativa de Detmering (2018), observando os elementos que nos permitem discutir o desenvolvimento da Competência Tradutória da autora; a quarta seção elenca diretrizes para o desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados para levantamento de narrativas de formação nos Estudos da Tradução, com foco na realização de pesquisas futuras, voltadas para o levantamento sistemático de narrativas; por fim, a quinta seção traz considerações finais sobre o trabalho aqui apresentado, indicando, também, possibilidades de desenvolvimentos e de trabalhos futuros.

3

Revisão Teórica

A Pesquisa Narrativa

A proposta de desenvolver pesquisas científicas a partir de narrativas humanas vem sendo desenvolvida — segundo Clandinin et al. (2017) — desde a década de 1980 e pode, portanto, ser considerada como uma abordagem de investigação relativamente nova. Por essa razão, o escopo de trabalhos, os critérios de avaliação, as definições sobre o que constituem boas práticas de investigação e até mesmo alguns dos termos utilizados na área se encontram em debate entre pesquisadoras/es, como enfatizam Connelly e Clandinin (2006).

Atualmente, o termo “Pesquisa Narrativa” abrange uma série de métodos, com diferentes objetivos e focos, mas com a característica comum de partirem das histórias contadas por seres humanos para compreender fenômenos diversos. Trata-se de uma proposta de investigação que, de acordo com Connelly e Clandinin (2006), baseia-se na visão de que seres humanos — seja individual, seja coletivamente — interpretam suas experiências cotidianas e as constroem na forma de histórias, que, por sua vez, são estruturadas a partir dos esquemas de percepção da realidade de cada indivíduo, das pressuposições e dos papéis sociais realizados pelos mais diferentes participantes dessas histórias.

Este artigo, como apontado nas considerações iniciais, propõe a análise de narrativas como forma de compreender o desenvolvimento da Competência Tradutória e de entender como tradutores e tradutoras em formação, subjetivamente, percebem esse desenvolvimento e os caminhos que percorreram para chegar aos pontos em que se encontram. Como também apontado nas considerações iniciais, para ilustrar a viabilidade dessa proposta, será discutida uma narrativa discente, coletada a partir dos registros bibliográficos de seu trabalho de conclusão de curso. Mais do que discutir as narrativas de uma tradutora em formação, esta proposta busca promover uma postura que respeita a alteridade e os diferentes pontos de vistas acerca do fenômeno do desenvolvimento da Competência Tradutória — ao considerar as histórias construídas como “um portal por meio do qual uma pessoa adentra o mundo e pelo qual sua experiência desse mundo é interpretada e transformada em pessoalmente significativa” (p. 477), utilizando aqui as palavras de Connelly e Clandinin (2006).

A abordagem de utilizar a pesquisa narrativa para refletir academicamente sobre fenômenos vem sendo aplicada em diferentes áreas do conhecimento e se mostra valiosa em revelar informações que pouco provavelmente seriam obtidas por outros métodos de investigação. Connelly e Clandinin (2006, p. 477), por exemplo, listam uma série de áreas de investigação que se beneficiam de contribuições da pesquisa narrativa para a compreensão de diferentes fenômenos — abrangendo desde campos relacionados à Pedagogia, como estudos éticos, estudos curriculares e aprendizagem de idiomas, até campos menos diretamente relacionados à Educação, como antropologia, psicologia e enfermagem.

Como exemplos de investigações em áreas que utilizam métodos associados à Pesquisa Narrativa, embora não sejam diretamente ligados aos Estudos da Tradução, podem ser citados estudos antropológicos de Maluf (1999) e sociolinguísticos de Labov (2006). A antropóloga Sônia Maluf realizou em 1999 um estudo sobre as novas culturas terapêuticas e religiosas no

Brasil. Em seu trabalho identificou no seu campo de pesquisa as narrativas terapêuticas (basicamente, o relato das vivências terapêuticas) e as narrativas autobiográficas, buscando “compreender o caráter extensivo da experiência” (Maluf, 1999, p. 75). Em sua discussão, a autora aponta a análise de histórias e experiências como um meio a partir do qual se pode buscar sentidos e perceber questões e problemas subjacentes às próprias narrativas.

Labov, considerado o fundador da sociolinguística variacionista, é um estudioso da pré-construção de narrativas, em especial as terapêuticas. Labov (2006) afirma que anteriormente à construção da narrativa, ela deve ser pré-construída por um processo cognitivo que se inicia com uma compreensão de que um determinado evento seja relatável. Seria um processo recursivo que terminaria com a localização de um evento não reportável, não relatável em si. Labov (2006) explicita:

O orador que tomou a decisão de comunicá-lo [o evento relatável] normalmente tem a obrigação de fornecer algumas informações sobre como ele surgiu. A atenção do narrador é então direcionada para um momento anterior, do evento reportável ao precedente, impulsionado pela necessidade de responder à pergunta “Como foi que isso aconteceu?” (2006, p. 48).

Exemplos de pesquisas em áreas da linguagem (mais próximas, portanto, dos Estudos da Tradução) que utilizam métodos associados à pesquisa narrativa podem ser vistos em Dutra e Mello (2008) e em Mattos e Caetano (2019). Dutra e Mello (2008) investigam as auto-observações e reconceitualizações feitas por professores/as, quando esses/as narram suas próprias práticas pedagógicas. Segundo as autoras, ao narrar suas experiências (passadas e presentes), professores/as são estimulados/as a entender e a reconceitualizar suas vidas profissionais e suas práticas pedagógicas. Partindo do pressuposto de que, para o desenvolvimento de professores/as, é necessário — mais do que simplesmente apresentar conteúdos, métodos e técnicas de ensino — promover a (auto)consciência crítica desses/as profissionais, Dutra e Mello (2008) estimulam seus sujeitos de pesquisa a assumir papéis mais ativos em suas práticas pedagógicas, com vistas à criação de ciclos positivos — nos quais o/a profissional reflete sobre sua realidade, acessa mais recursos (internos e externos) em resposta às suas necessidades, corrige rumos e volta a refletir sobre sua realidade e a avaliá-la.

O método de trabalho adotado por Dutra e Mello (2008) parte da coleta de narrativas individuais e coletivas de professores/as — por meios escritos e orais, em diários reflexivos, em sessões colaborativas —, acerca de experiências de ensino, incluindo aulas passadas, planos de trabalhos futuros etc. A coleta dessas narrativas sobre experiências de ensino e aprendizagem possibilita, às autoras, identificar traços dos perfis profissionais dos sujeitos de pesquisa, incluindo aspectos relativos às suas crenças sobre a profissão, aos conceitos que empregam em seus ambientes de trabalho, às posturas teóricas a que eles/as se afiliam. Por fim, observando as narrativas como formas de representação da realidade, capazes de esclarecer as atitudes e fenômenos sociais por trás das experiências pedagógicas de cada sujeito, Dutra e Mello (2008) estabelecem conexões entre a teoria e as práticas pedagógicas de seus sujeitos de pesquisa, abraçando a capacidade desses sujeitos de compreender seus ambientes e de crescer profissionalmente a partir desse trabalho de reflexão.

6

Mattos e Caetano (2019), por sua vez, baseiam-se em Pennycook (2015)ⁱⁱ para propor uma discussão de narrativas de professores de idiomas, com foco nas formas como experiências de aprendizado se relacionam aos sentidos do corpo humano. Ao observar aspectos sinestésicos da aprendizagem de línguas, buscando compreender as experiências de ensino/aprendizagem, as pesquisadoras apontam como as diferentes formas de contato com a língua estrangeira (incluindo contatos que se dão por sentidos como tato, paladar e olfato) podem influenciar o ensino e a aprendizagem. Para investigar tais aspectos sinestésicos da aprendizagem de línguas, Mattos e Caetano (2019, p. 4) levantam narrativas de experiências, escritas por “professores em serviço inseridos em um Curso de Especialização em Ensino de Inglês na Universidade Federal de Minas Gerais”, a partir da atividade final do curso. Ao analisar as narrativas, as autoras conseguem identificar traços relacionados a crenças, conhecimentos, atitudes e práticas pedagógicas de seus sujeitos de pesquisa e mostrar não apenas histórias de empoderamento pessoal, mas apontar indícios dos trajetos pessoais traçados pelos sujeitos para se tornarem professores de inglês.

Esses exemplos de aplicação da pesquisa narrativa podem ser considerados relevantes para este artigo principalmente por mostrarem como esse método de investigação pode trazer informações que, devido a suas subjetividades e naturezas internas, pouco provavelmente seriam levantadas por outros meios de investigação. Por se tratar de um método que permite vislumbrar questões internas aos sujeitos de pesquisa, a pesquisa narrativa dá indícios de ser

uma abordagem adequada para entender questões relativas ao desenvolvimento de competências e à compreensão de estratégias de sucesso que levaram a tal desenvolvimento.

Dando sequência à discussão sobre como narrativas discentes podem elucidar o desenvolvimento da Competência Tradutória, a próxima seção discute brevemente o modelo do grupo PACTE, em especial do componente psicofisiológico dessa competência, cuja natureza interna pode vir a ser mais bem mapeada por meio de pesquisas narrativas.

Sobre a Competência Tradutória

As discussões sobre Competência Tradutória vêm se desenvolvendo há algumas décadas, tendo como foco o conjunto de conhecimentos e habilidades necessários para se realizar uma tarefa de tradução. Discussões prolíficas sobre o tema vêm sendo desenvolvidas por pesquisadoras e pesquisadores do campo disciplinar. Um exemplo de linha de discussões sobre Competência Tradutória — modelo a ser adotado para esta discussão — é o das pesquisas do grupo PACTE e trabalhos relacionados, que defendem a ideia de que traduzir é mais do que uma simples forma de bilinguismo, constituindo-se uma habilidade que pode ser ensinada e desenvolvida tanto por meio de estímulo por atividades práticas quanto por meio da compreensão teórica.

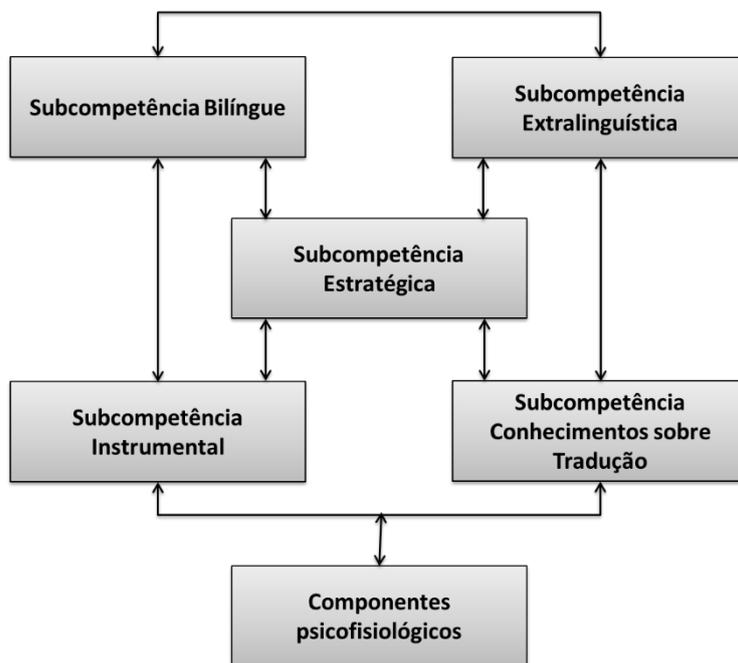
7

O modelo de competência do grupo PACTE — mencionado no parágrafo anterior — será adotado para esta discussão por seu caráter multidimensional e também pela abrangência das discussões que promoveⁱⁱⁱ. Trata-se de um modelo — elaborado tanto a partir de premissas de estudos psicológicos e cognitivos, quanto a partir de experimentos empíricos — segundo o qual a Competência Tradutória é considerada como um conhecimento: 1) experto; 2) eminentemente procedimental (e não apenas declarativo); 3) composto por diversas subcompetências inter-relacionadas; 4) centrado no seu subcomponente estratégico.

O modelo de Competência Tradutória do grupo PACTE pode ser representado pelo diagrama a seguir:

Diagrama 1

Competência Tradutória (CT) segundo o modelo holístico de PACTE (Hurtado-Albir, 2005^{iv}, p. 28)



Fonte: (Vasconcellos et al., 2017, p. 183).

8

O Diagrama 1, mostrado anteriormente, representa o modelo holístico de Competência Tradutória proposto pelo grupo PACTE. No modelo, as subcompetências podem ser entendidas da seguinte forma:

1. Subcompetência estratégica..... Elemento central do modelo, inclui procedimentos individuais acessados para a solução de problemas tradutórios e é responsável pela formulação de estratégias para a solução de problemas tradutórios, pelo planejamento de processos de tradução, pela avaliação de problemas e ativação das demais subcompetências para a solução desses problemas.
2. Subcompetência bilíngue..... Elemento relacionado ao sistema de conhecimentos e habilidades linguísticas (incluindo questões pragmáticas, sociolinguísticas, textuais e léxico-gramaticais) necessárias para a comunicação no par linguístico a ser trabalhado.
3. Subcompetência extralinguística..... Elemento que envolve conhecimentos gerais de mundo, conhecimentos específicos sobre o tema do texto a ser traduzido e conhecimentos das culturas envolvidas na tarefa de tradução.

-
4. Subcompetência conhecimentos sobre tradução..... Elemento relacionado aos princípios que guiam a tradução (processos, métodos etc.) e a profissão (tipos de trabalhos, *briefs*, públicos-alvo, etc.).
 5. Subcompetência instrumental..... Elemento que envolve conhecimentos e habilidades relacionadas à profissão, incluindo conhecimentos sobre fontes de documentação, tecnologias da informação aplicáveis, mercado de trabalho etc.).
 6. Componentes psicofisiológicos.....Elemento relacionado aos mecanismos cognitivos, comportamentais e psicomotores envolvidos na tradução.

Como apontado no início desta seção, estudos empíricos e discussões sobre aquisição e desenvolvimento da Competência Tradutória vêm sendo desenvolvidos há algumas décadas — Gonçalves (2015) e Assis et al. (2018), anteriormente citados, são exemplos de trabalhos que se propõem a discutir a Competência Tradutória, adotando abordagens empíricas, ligadas ao ensino da tradução. Para os propósitos deste artigo, no entanto, cabe destacar a lacuna acerca de discussões específicas sobre os componentes psicofisiológicos na formação de tradutores e tradutoras. Não se trata aqui de crítica à apresentação do componente nos trabalhos sobre Competência Tradutória, mas de uma observação sobre o relativamente baixo número de investigações específicas sobre o componente — o que também é apontado por Pimentel (2019, p. 17), que identifica apenas o trabalho de Atkinson (2012)^v sobre o tema.

A questão do baixo número de discussões sobre os componentes psicofisiológicos da Competência Tradutória é indiretamente abordada por Lara (2016). Em seu texto, a autora revisa criticamente diferentes modelos de Competência Tradutória, debatendo sobre o paradigma da competência aplicado a abordagens de formação de tradutores e tradutoras. Na discussão, a autora aponta que alguns modelos apresentam componentes sociais e pessoais que “não são facilmente observáveis e nem sempre podem ser medidos por meio de exames ou tarefas acadêmicas” (Lara, 2016, p. 10), o que leva, ainda segundo ela, modelos de competência mais baseados em uma ótica behaviorista a omitir tais componentes e defini-los como competências transversais, como competências relacionadas à organização, à capacidade de solução de problemas e de tomada de decisões e a outros fatores, também enumerados pela autora, como empatia e capacidade de aprendizado.

Seguindo a linha de raciocínio de Lara (2016), uma possível explicação para o relativamente baixo número de investigações sobre os componentes psicofisiológicos da

competência tradutória pode ser ligada à sua natureza, que abrange, como aponta PACTE (2003), componentes atitudinais e psicomotores, incluindo:

(1) componentes cognitivos como memória, percepção, atenção e emoção; (2) aspectos atitudinais como curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento sobre e confiança nas suas próprias habilidades, habilidade de medir suas próprias habilidades, motivação etc.; (3) habilidades como criatividade, racionalização lógica, análise e síntese etc. (2003, p. 93)

Trata-se, como pode ser depreendido a partir da citação anterior, de um componente formado por elementos não facilmente verificáveis/mensuráveis por meio de experimentações centradas em fatores externos ao indivíduo. A proposta aqui apresentada, de investigar narrativas com vistas a entender o papel dos componentes psicofisiológicos no desenvolvimento da Competência Tradutória, responde a essa dificuldade: ao propor um método investigativo centrado no indivíduo e na sua percepção subjetiva sobre um determinado fenômeno (no caso o desenvolvimento da sua Competência Tradutória), pretende-se aqui apontar um caminho de coleta e análise de dados que pode iluminar questões relativas ao impacto de práticas pedagógicas sobre o componente psicofisiológico da Competência Tradutória.

A próxima seção busca ilustrar essa proposta de uso da pesquisa narrativa (como meio para compreender o desenvolvimento da Competência Tradutória), trazendo a discussão sobre a narrativa de Detmering (2018), coletada a partir de seus registros bibliográficos.

Discussão de uma Narrativa de Desenvolvimento

O trabalho de Detmering (2018) foi selecionado para ilustrar possíveis contribuições de análises de narrativas para a compreensão do desenvolvimento da Competência Tradutória não apenas pelas reflexões que promove, mas também pela disponibilidade do registro. Desenvolvido como trabalho de conclusão de curso de graduação (em Bacharelado em Tradução) e apresentado, portanto, em um momento que marca, institucionalmente, uma etapa significativa do desenvolvimento da discente como tradutora, o trabalho está disponível para consulta pública, possibilitando sua discussão em diferentes contextos (como o deste artigo, por exemplo).

Detmering (2018) apresenta uma autorreflexão sobre o desenvolvimento da sua Competência Tradutória, com base na observação de três traduções realizadas ao longo de seu período como extensionista no projeto ExTrad^{vi}. Embora não se afilie explicitamente a abordagens ligadas à pesquisa narrativa, o trabalho da autora apresenta relatos pessoais, análises (acerca dos textos-fonte, do gênero textual trabalhado, dos textos específicos trabalhados) e reflexões subjetivas (que abrangem seu processo tradutório, sua formação acadêmica e a contribuição dessa formação para o seu desenvolvimento como tradutora) — motivos pelos quais a narrativa é aqui analisada para discutir o desenvolvimento da Competência Tradutória. As reflexões de Detmering (2018) trazem informações que elucidam, a partir de sua percepção discente, o processo de desenvolvimento da sua Competência Tradutória, pontuando essa percepção com discussões baseadas no modelo proposto pelo Grupo PACTE e reconhecendo “a complexidade de se enquadrar e delimitar as subcompetências em análise” (Detmering, 2018, pp. 13-14).

Como mencionado no parágrafo anterior, a narrativa autorreflexiva da autora toma como ponto de partida suas visões sobre o fazer tradutório e suas reflexões sobre a tradução de três textos técnicos no par linguístico francês-português. Um dos pontos da narrativa que pode ser destacado por permitir vislumbrar o desenvolvimento da Competência Tradutória da autora diz respeito às evoluções a) de sua concepção de tradução e b) de sua capacidade de planejar e de refletir teoricamente sobre o trabalho realizado. Os dois trechos apresentados a seguir ilustram esse ponto:

- A. ... eu começava a perceber que a minha tradução não estava nem certa nem errada, era apenas uma (a minha) possibilidade de leitura dos textos fonte vistos à ocasião. Até eu descobrir as teorias e reflexões sobre o fazer tradutório, a minha prática nunca fora acompanhada por reflexões teóricas. A partir de então, percebi a importância da teoria, e reconheço nisso uma das vantagens em ser estimulada a adentrar o Curso de Bacharelado em Tradução (Detmering, 2018, p. 24, grifo nosso).
- B. Iniciar uma tradução sem antes conhecer e refletir sobre as características do texto fonte me levou a cometer equívocos na tradução, necessitando voltar diversas vezes ao início do texto traduzido para realizar um número maior de revisões (o que poderia ter sido evitado, com melhor aproveitamento do tempo

destinado à execução da tarefa). ... A interpretação era necessária e só poderia acontecer a partir da minha interação com o texto fonte. Isso não fazia parte do meu *modus operandi* no início do estágio no EXTRAD. **Foi preciso a prática na extensão com reflexões sobre a teoria estudada para que eu dinamizasse meu processo tradutório.** Nessa mesma direção, compreender o objetivo da tradução e a sua função na cultura alvo ajudava a entender os meandros e as especificidades do projeto que seria fundamental delinear. (Detmering, 2018, p. 26, grifos nossos).

Como anteriormente mencionado, nos Trechos A e B, a narrativa nos possibilita identificar traços da evolução da Competência Tradutória da autora. No Trecho A, por exemplo, podemos depreender uma evolução da concepção que a autora tem sobre tradução: se antes a autora tinha uma visão que podemos classificar como mais estática, no trecho destacado ela nos dá indícios de que passa a perceber a relativização do trabalho e a multiplicidade de possibilidades de traduções a partir de um texto, apontando a sua tradução como uma possível leitura realizada a partir de um texto-fonte — o que nos permite, por exemplo, apontar para a tradução como um ato comunicativo, em que a função da tradução, a percepção da tradutora sobre o público-alvo, o gênero textual (e outras características) têm impactos diretos sobre a construção dessa “possibilidade de leitura dos textos-fonte”.

De forma semelhante, no Trecho B, é possível identificar traços dessa dinamização da compreensão do conceito de tradução pela autora, já que ela menciona explicitamente questões relativas a reflexões sobre as características do texto, sobre o objetivo da tradução e sobre a função do texto traduzido. Também podemos perceber, a partir da narrativa, a evolução da tradutora em sua capacidade de planejar e de refletir teoricamente sobre o trabalho realizado, além, é claro, do aumento de sua capacidade de autocrítica, ao comentar sobre equívocos causados pela falta de planejamento antes de iniciar uma tarefa de tradução.

Questões mais especificamente relativas ao componente psicofisiológico da Competência Tradutória também podem ser depreendidas a partir da narrativa de Detmering (2018). Um ponto a ser destacado são as discussões sobre desconforto e insegurança, bem como a importância do desenvolvimento de um projeto tradutório^{vii}, que podem ser vistas em trechos como os apresentados a seguir:

-
- C. **Por ser um contato inicial com um texto de tamanha complexidade, não me senti à vontade para fazer alterações**, e mantive toda a estrutura de formatação textual e de construção das frases. Ademais, tendo em vista que a tradução se destinava à formação em pós-graduação, avaliei que seria importante deixar evidente o tipo de escrita de Chevallard, pois as peculiaridades identificadas poderiam trazer mais informações sobre o conteúdo desenvolvido naquele texto. Tais informações poderiam ser fundamentais para o desenvolvimento de uma Tese. (Detmering, 2018, p. 30, grifo nosso).
- D. Portanto, **no projeto de tradução ...** [da segunda tarefa de tradução], avaliei a necessidade das mudanças mencionadas e **decidi atuar sobre o texto de forma mais efetiva e mais livre**. (Detmering, 2018, p. 33, grifos nosso).
- E. Então, uma vez que já conhecia um pouco melhor a maneira como Chevallard costuma se expressar, **senti mais segurança e liberdade para fazer algumas reformulações**. Percebi na leitura textual que seria necessário desmembrar frases muito grandes, períodos que, por vezes, tomavam um parágrafo inteiro, e que dificultariam as retomadas dos referentes, prejudicando o entendimento da mensagem (Detmering, 2018, p. 33, grifo nosso).

Os Trechos C, D e E permitem não apenas que discutamos a evolução da Competência Tradutória da autora, mas também que percebamos questões relacionadas ao componente psicofisiológico dessa competência. No segmento destacado no Trecho C, por exemplo, podemos notar uma narrativa de desconforto e insegurança da autora em empreender a primeira tarefa de tradução, com a conseqüente decisão em evitar quaisquer decisões de tradução que pudessem ser encaradas como formas de interferência no texto-fonte. Já nos segmentos destacados nos Trechos D e E, a autora se mostra mais confiante em estabelecer projetos de tradução a partir de pesquisas mais aprofundadas sobre os textos-fonte e, conseqüentemente, toma decisões de tradução com maior segurança, tendo foco na construção de textos-alvo que, em sua avaliação, podem ser encaradas como formas mais efetivas para a compreensão do público-alvo.

A narrativa da autora nos permite perceber a evolução das suas decisões e a superação dos aspectos iniciais de insegurança em relação ao trabalho empreendido. Além de nos possibilitar um acesso à sua autonomia como tradutora, as autorreflexões da autora nos abrem

uma janela para o componente psicofisiológico da sua Competência Tradutória, incluindo elementos cognitivos, emoções, elementos atitudinais, sua percepção crítica, sua confiança em suas próprias habilidades e outras — o que talvez não conseguiríamos com facilidade se adotássemos outras formas de investigação.

Por fim, a narrativa apresentada por Detmering nos permite ter acesso à percepção da autora sobre suas autoavaliações, como mostram os trechos a seguir:

F. No meu contato com o saber especializado na tradução dos textos de Chevallard, percebi uma evolução no processo de produção textual entre ... [tarefa de tradução 1 e tarefa de tradução 3]. **No início, eu fazia a tradução de pequenos trechos das frases até traduzi-los por completo. No final, já tomava unidades textuais mais extensas e blocos maiores eram traduzidos a partir do entendimento do texto como um conjunto.** (Detmering, 2018, p. 48, grifo nosso).

G. **Uma das primeiras atividades realizadas ao receber uma demanda passou a ser a pesquisa sobre o autor e sua produção.** (Detmering, 2018, p. 33, grifo nosso).

14

Nos Trechos F e G, acima, a narrativa nos permite vislumbrar aspectos do próprio processo tradutório da autora. No Trecho F, por exemplo, podem-se ver as percepções da autora sobre a própria segmentação textual realizada por ela durante o seu processo de tradução; ao passo que o Trecho G nos permite visualizar a evolução do processo tradutório em termos de construção de um projeto tradutório a partir de pesquisas que extrapolavam o material a ser traduzido.

A análise de elementos da narrativa de Detmering (2018), coletada a partir dos registros bibliográficos do trabalho, permite que notemos, por exemplo, como a pesquisa narrativa pode revelar informações sobre questões internas do indivíduo, como as discussões sobre insegurança da autora e como, por meio da realização de tarefas de tradução e da reflexão sobre essas tarefas, essa insegurança veio a ser superada.

Como mencionado nas considerações iniciais, reconhecemos aqui a limitação da realização da discussão a partir de um caso único, mas acreditamos que, no médio-longo prazo, a coleta mais sistemática de narrativas pode elucidar questões relativas ao componente psicofisiológico da Competência Tradutória, como, por exemplo, mostrar se a insegurança

mencionada no parágrafo anterior se refere a uma característica idiossincrática ou se se refere a um traço comum a diferentes tradutores e tradutoras em formação — além de, possibilitar, a partir da observação de padrões nas narrativas, identificar métodos mais (ou menos) eficientes para trabalhar questões relevantes para a formação.

A seção a seguir apresenta algumas propostas voltadas para a construção de métodos que permitam captar narrativas de tradutores e tradutoras em formação, com vistas a estabelecer uma linha de pesquisa narrativa que permita a compreensão do desenvolvimento da Competência Tradutória.

Propostas para a Construção de Instrumentos de Coleta de Narrativas nos Estudos da Tradução

Refletindo sobre o futuro do desenvolvimento da proposta de tentar compreender o desenvolvimento da Competência Tradutória (e mais especificamente do componente psicofisiológico) a partir de métodos associados à pesquisa narrativa, esta seção apresenta alguns desafios a serem abordados. Um desafio a se pensar nesse sentido diz respeito ao desenvolvimento de meios para a coleta sistemática de narrativas. Este artigo — devido à lacuna mencionada na seção de Revisão Teórica, acerca de discussões específicas sobre os componentes psicofisiológicos na formação de tradutores e tradutoras — limitou-se a apresentar reflexões com base em uma única narrativa, coletada a partir dos registros documentais/bibliográficos do trabalho de conclusão de curso de uma tradutora em formação. Dentre as técnicas e instrumentos de coleta cabíveis para os objetivos aqui vislumbrados, cabe apontar o levantamento de Barbosa (2008, pp. 4-5), que constrói um quadro comparativo (apresentado na sequência a este parágrafo), a partir do estudo realizado por McMillan e Schumacher (1997, pp. 274-275):

15

Quadro 1 – Quadro Comparativo entre Técnicas de Coletas de Dados

Técnica de Coleta	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Questionário	<ul style="list-style-type: none"> - Garante o anonimato - Questões objetivas de fácil pontuação - Questões padronizadas garantem uniformidade - Deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas - Facilidade de conversão dos dados para arquivos de computador - Custo razoável 	<ul style="list-style-type: none"> - Inviabilidade de comprovar respostas ou esclarecê-las - Difícil pontuar questões abertas - Dá margem a respostas influenciadas pelo "desejo de nivelamento social" - Restrito a pessoas aptas a leitura - Pode ter itens polarizados/ambíguos

Técnica de Coleta	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Flexibilidade na aplicação - Facilidade de adaptação de protocolo - Viabiliza a comprovação e esclarecimento de respostas - Taxa de resposta elevada - Pode ser aplicada a pessoas não aptas a leitura 	<ul style="list-style-type: none"> - Custo elevado - Consome tempo na aplicação - Sujeita a polarização do entrevistador - Não garante o anonimato - Sensível aos efeitos no entrevistado - Características do entrevistador e do entrevistado - Requer treinamento especializado - Questões que direcionam a resposta
Observação Direta	<ul style="list-style-type: none"> - Capaz de captar o comportamento natural das pessoas - Minimiza influência do "desejo de nivelamento social" - Nível de intromissão relativamente baixo - Confiável para observações com baixo nível de inferência 	<ul style="list-style-type: none"> - Polarizada pelo observador - Requer treinamento especializado - Efeitos do observador nas pessoas - Pouco confiável para observações com inferências complexas - Não garante anonimato - Observações de interpretação difícil - Não comprova/esclarece o observado - Número restrito de variáveis
Registros Institucionais (Análise Documental)	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo custo - Tempo de obtenção é reduzido - Informação é estável 	<ul style="list-style-type: none"> - Dados incompletos ou desatualizados - Excessivamente agregados - Mudanças de padrões no tempo - Uso restrito (confidencialidade) - Dados difíceis de recuperar
Grupo Focal	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo custo e resposta rápida - Flexibilidade na aplicação - Eficientes para obter informações qualitativas a curto prazo - Eficiente para esclarecer questões complexas no desenvolvimento de projetos - Adequado para medir o grau de satisfação das pessoas envolvidas 	<ul style="list-style-type: none"> - Exige facilitador/moderador com experiência para conduzir o grupo - Não garante total anonimato - Depende da seleção criteriosa dos participantes - Informações obtidas não podem ser generalizadas

Fonte: Barbosa (2008, pp. 4-5)

O quadro acima — apresentado por Barbosa (2008, pp. 4-5) com base em McMillan e Schumacher (1997) — possibilita a reflexão sobre diferentes métodos para o levantamento de coletas de narrativas a serem analisadas como dados. Dentre os métodos elencados pelo autor, o que mais se aproxima do utilizado neste artigo é a análise documental, considerando, para fazer tal afirmação, que aqui são utilizadas informações retiradas do registro bibliográfico público de trabalhos de conclusão de curso de graduação em Bacharelado em Tradução (da Universidade Federal da Paraíba) — escolha que, como anteriormente mencionado, foi motivada pela facilidade de obtenção da narrativa e pela estabilidade do registro.

Como apontado na página anterior, desafios futuros para a proposta de utilizar narrativas como meio de compreender o desenvolvimento da Competência Tradutória de tradutores e tradutoras em formação envolvem ultrapassar o limite dos registros individuais/esparcos e trabalhar meios de levantar e analisar narrativas de forma mais sistemática. A partir do quadro comparativo entre técnicas de coletas de dados, proposto por Barbosa (2008, pp. 4-5), questionários e entrevistas se apresentam como métodos viáveis para o levantamento de narrativas discentes.

Uma proposta seminal nesse sentido é o trabalho de Pimentel (2019), que aplica questionário seguido por entrevista e avalia o desenvolvimento do componente psicofisiológico de tradutores e tradutoras em formação, em função da participação desses discentes em programas de extensão em tradução. Embora não se afilie à pesquisa narrativa, o trabalho de Pimentel (2019) é compatível com a proposta aqui apresentada por dar voz a tradutores e tradutoras em formação e por buscar levantar suas percepções subjetivas sobre questões relativas à tradução (como grau de dificuldade de textos a serem traduzidos, processos de escolhas tradutórias, avaliações sobre problemas de tradução etc.). Para etapas futuras da proposta apresentada neste artigo, o trabalho de Pimentel (2019) servirá, portanto, como referência para a coleta de narrativas discentes por meio de questionários e entrevistas.

17

A seção seguinte traz as considerações finais deste artigo, recapitulando algumas das principais discussões aqui desenvolvidas e apontando caminhos para etapas futuras do trabalho.

Considerações Finais

Este artigo se propôs discutir a pesquisa narrativa como uma abordagem de pesquisa que pode permitir acesso às percepções de tradutores e tradutoras em formação sobre os desenvolvimentos de suas Competências Tradutórias. Ao longo desta discussão, foram apresentados i) a pesquisa narrativa, ii) discussões sobre Competência Tradutória, iii) trabalhos que apontam a lacuna nas discussões sobre o componente psicofisiológico do modelo de Competência Tradutória do grupo PACTE e iv) a discussão da narrativa de uma tradutora em formação, com vistas a mostrar a viabilidade da proposta aqui apresentada.

No levantamento teórico realizado para a produção deste artigo, não foram encontrados trabalhos que se afilem à pesquisa narrativa dentro dos Estudos da Tradução e busquem compreender o desenvolvimento da Competência Tradutória de tradutores e tradutoras em formação. Entretanto, trata-se de uma linha de investigações que, como apontado por Connelly

e Clandinin (2006), vem sendo utilizada em diversas áreas do conhecimento humano e que pode ajudar a compreender esse fenômeno, podendo revelar os caminhos percorridos e as percepções sobre as experiências individuais de tradutores e tradutoras em formação.

Apesar de não explicitamente afiliados à pesquisa narrativa, destacam-se aqui os trabalhos de Pimentel (2019) e de Detmering (2018). O primeiro, por trabalhar entrevistas e questionários como forma de acessar a experiência dos/as entrevistados/as, aproximando-se do que aqui foi discutido, no tocante ao uso da pesquisa narrativa. Assim, o trabalho de Pimentel (2019) pode ser visto como seminal para o desenvolvimento de futuras investigações específicas sobre o subcomponente psicofisiológico no desenvolvimento da Competência Tradutória. Já o trabalho de Detmering (2018) é destacado por trazer a experiência da discente e por nos oferecer uma janela para o pensamento da autora sobre o seu fazer tradutório e suas reflexões sobre processos relativos ao desenvolvimento do seu subcomponente psicofisiológico — como a questão da insegurança inicial em empreender uma tarefa de tradução e a superação dessa insegurança.

Desenvolvimentos futuros deste trabalho envolvem a coleta sistemática de narrativas discentes e o desenvolvimento de instrumentos de investigação para tal fim, a partir do referencial discutido neste artigo — como McMillan e Schumacher (1997), citados por Barbosa (2008), por exemplo. Espera-se que as análises decorrentes desse levantamento sistemático de narrativas permitam identificar padrões relacionados a práticas de aprendizagem, crenças e atitudes, além de mostrar histórias de desenvolvimento pessoal que permitam promover a (auto)consciência crítica de tradutores e tradutoras em formação e seu empoderamento como futuros profissionais.

REFERÊNCIAS

- Assis, R. C., Liparini, T., & Leipnitz, L. (2018). Formação de Tradutores e Tradutoras: o currículo de um Bacharelado em Tradução. In G. Pereira, & P. Costa (Eds.), *Formação de Tradutores: por uma pedagogia e didática da tradução no Brasil* (1ª. ed., v.5, pp. 301-324). Pontes Editores.
- Barbosa, E. (2008). *Metodologia da pesquisa: Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais*. http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf
- Bevilacqua, C. (2017). Traduzidos: uma experiência na formação de tradutores de português-espanhol. *Caracol*, (14), 82-102.

-
- Clandinin, D. J., Cave, M. T., & Berendonk, C. (2017). Narrative inquiry: a relational research methodology for medical education. *Medical Education*, 51(1), 89-96.
- Connelly, F. M., & Clandinin, D. J. (2006). Narrative Inquiry. In J. L. Green, G. Camilli, & P. B. Elmore (Eds.), *Handbook of Complementary Methods in Education Research* (pp. 375-85). Lawrence Erlbaum.
- Detmering, E. (2018). *Auto-reflexão sobre o desenvolvimento da competência tradutória a partir da tradução de textos técnicos de matemática do francês para o português do Brasil* [Monografia, Universidade Federal da Paraíba].
- Dutra, D. P., & Mello, H. (2008). Self-Observation and Reconceptualization. In P. Kalaja; V. Menezes; A. M. F. Barcelos (Eds.) *Narratives of Learning and Teaching EFL*. Palgrave Macmillan.
- Gonçalves, J. L. V. R. (2015). Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. *Graphos*, 17, 114-130.
- Kiraly, D. (2000). *A socio constructivist approach to translator education: empowerment from theory to practice*. St. Jerome.
- Labov, W. (2006). Narrative pre-construction. *Narrative Inquiry*, 16(1), 37-45.
<https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/NPC.pdf>
- Lara, C. P. (2016). The Competence Paradigm in Education applied to the Multicomponent Models of Translator Competences. In M. Marczak (Ed.), *The Journal of Translator Education and Translation Studies*, 1(2), pp. 4-19.
- Maluf, S. W. (1999). Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, 5(12), 69-82.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831999000300069&lng=en&nrm=iso
- Mattos, A., & Caetano, E. (2019). Os Sentidos da formação narrativas de professores de inglês sobre suas experiências de ensino e aprendizagem. *Revista do GELNE*, 21(1), 3-19.
- McMillan, J. H., & Schumacher, S. (1997). *Research in Education*. Addison Wesley Educational Publishers Inc.
- PACTE. (2003). Building a translation competence model. In F. Alves (Ed.). *Triangulating Translation* (pp. 43-66). John Benjamins.
- Paiva, V. L. M. (2008). A pesquisa narrativa: uma introdução. *Rev. bras. linguist. apl.*, 8(2), 261-266. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982008000200001&lng=en&nrm=iso

Pimentel, A., Neto. (2019). *A influência das atividades de extensão em tradução no desenvolvimento dos componentes psicofisiológicos de tradutores em formação* [Monografia, Universidade Federal da Paraíba].

Vasconcellos, M. L., Espindola, E., & Gysel, E. (2017). Interdisciplinaridade no ensino da tradução: Formação por competências, abordagem por tarefas de tradução, tipologia textual baseada em contexto. *Cadernos de Tradução*, 37(2), 177-207.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-79682017000200177&lng=en&nrm=iso

ⁱ Não se trata aqui de qualquer crítica ou desmerecimento à proposta de Mona Baker (e trabalhos relacionados) de utilizar a narratividade como ferramenta teórica para discutir a posição de tradutores e tradutoras em zonas de conflito. Compreende-se aqui que se trata de pesquisas com focos diferentes e, portanto, a referência ao número relativamente baixo de explorações da pesquisa narrativa no campo disciplinar.

ⁱⁱ Pennycook, A. (2015, 14 de julho). English from below. In *Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*, 11. Associação de Linguística Aplicada do Brasil/Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

ⁱⁱⁱ Por extrapolar o escopo da discussão aqui desenvolvida, não serão revisados outros modelos. Para discussões sobre os diferentes modelos recomendamos o trabalho de Lara (2016), citado neste artigo.

^{iv} Hurtado-Albir, A. (2005). A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In A. Pagano, C. Magalhães, F. Alves (Eds.), *Competência em tradução: cognição e discurso* (pp. 19-57). UFMG.

^v Atkinson, D. P. (2012). *Freelance translator success and psychological skill: a study of translator competence with perspectives from work psychology* [Tese, University of Auckland].

^{vi} Para informações sobre o projeto — incluindo informações sobre a história do seu estabelecimento, suas diretrizes e fluxos de trabalho —, sugerimos a leitura de: Alves, D., et al. (2018). Formação de Tradutores e Tradutoras: Sobre o estabelecimento de um programa de extensão em tradução na Universidade Federal da Paraíba. In G. Pereira e P. Costa (Eds.), *Formação de tradutores: por uma pedagogia e didática da tradução no Brasil* (1st. ed., v.5, pp. 75-98). Pontes Editores.

^{vii} Projeto tradutório, aqui, diz respeito ao princípio norteador por trás de todo o processo decisório de uma tradução, entendido a partir da proposição de Berman (1995, p.76) de que “toda tradução significativa é baseada em um projeto, um objetivo articulado. Tal projeto é determinado tanto pela posição do tradutor quanto pelas demandas específicas do texto a ser traduzido”. Berman, A. (1995). *Pour une critique des traductions : John Donne*. Gallimard.